

Dr. David deSilva , Apócrifos, Palestra 8, Impacto dos Apócrifos no Novo Testamento e no Cristianismo Primitivo

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão 8, Impacto dos Apócrifos no Novo Testamento e no Cristianismo Primitivo.

Nesta palestra, examinaremos juntos alguns dos vestígios do impacto dos Apócrifos nos escritos do Novo Testamento, na literatura emergente e nos pensamentos da igreja primitiva.

Falar do uso dos Apócrifos no Novo Testamento talvez seja um pouco controverso. É claro que nenhum autor do Novo Testamento cita explicitamente um texto dos Apócrifos, e é certamente claro que eles não citam nenhum texto dos Apócrifos como escritura sagrada. Isto pode realmente ser uma indicação para nós de que o autor ou o orador, se o discurso estiver sendo representado como no caso de Jesus, não vê esses textos no mesmo nível das Escrituras.

Não há nada a ganhar citando um texto que alguém ou seu público não aceitará como uma palavra de autoridade sobre o assunto. Assim, podemos ter uma falta de citações explícitas como um sinal de consciência de que estes textos não possuem a autoridade, a autoridade vencedora de argumentos das escrituras sagradas. No entanto, tendo dito que há muitas evidências a serem consideradas em relação aos textos apócrifos que exercem algum tipo de impacto formativo no pensamento e na escrita daquelas vozes que nos deram o Novo Testamento, começando mesmo pela voz do próprio Jesus .

Agora, a questão da influência é metodologicamente complexa. Só porque o texto A e o texto B dizem a mesma coisa ou coisas semelhantes, não se pode assumir automaticamente influência de qualquer maneira. É preciso ser capaz de demonstrar que o texto supostamente influenciador estava plausivelmente disponível de alguma forma para o orador ou escritor supostamente influenciado.

O conteúdo tem de ser suficientemente distinto para falar sobre influência, em vez de simplesmente ambos os textos se basearem numa fonte comumente disponível. Além disso, é útil, embora não necessário, que os pontos de influência sejam suficientemente numerosos, detalhados e difundidos para que a correspondência entre esses dois textos não seja atribuída a um mero acaso. Ou seja, se houver um ponto de contato entre o texto A e o texto B, não é possível uma grande influência, mas um ponto de contato não é um grande argumento para influência.

Se houver numerosos pontos de contato ao longo do texto B com o material ao longo do texto A, isso aumenta a probabilidade de algum tipo de influência. No que diz respeito à questão da influência, comecemos por pensar juntos na Sabedoria de Ben Sira, que é certamente um dos textos mais antigos entre os apócrifos e talvez um dos mais bem preparados para exercer influência. No que diz respeito a essa questão, o texto alegadamente influente, neste caso, Ben Sira, estava plausivelmente disponível para indivíduos como Jesus e Tiago exercerem influência? Eu diria que no caso de Ben Sira, e pode-se argumentar fortemente que o autor estava bem preparado para entrar na corrente principal da sabedoria judaica e, assim, estar disponível de alguma forma para judeus particularmente motivados que se tornam professores, como Jesus e Tiago. fiz, para encontrar essa sabedoria e incorporá-la de alguma forma.

Em primeiro lugar, o próprio Ben Sira esteve em Jerusalém durante a maior parte de sua carreira. Ele manteve uma escola de instrução em Jerusalém. Ele foi um professor notável e respeitável de muitos outros sábios, escribas e líderes da elite judaica em Jerusalém.

Ele era uma voz conservadora numa época em que a observância da Torá estava em discussão, onde eram levantadas questões sobre até que ponto deveríamos permanecer vinculados ou leais à aliança. Ele seria lembrado como uma voz fiel e, portanto, alguém a quem gerações de fiéis se voltariam mais tarde, em oposição a quaisquer personagens como Jasão e Menelau que pudessem ter dito sobre o assunto. Ben Sira preservou seus ensinamentos por escrito para a posteridade e temos evidências de que seu texto esteve disponível e foi usado até o primeiro século DC.

Por exemplo, fragmentos de pergaminhos de Ben Sira foram encontrados entre os Manuscritos do Mar Morto em Qumran e também foram encontrados escondidos nos cantos de Masada, a última resistência dos fanáticos. Portanto, sabemos que o seu livro estava disponível no primeiro século. E vemos evidências do seu impacto sobre os professores judeus séculos depois.

Ele é citado nos Talmuds da Babilônia e de Jerusalém, no Midrashim e na literatura rabínica posterior, mais de cem vezes, de acordo com os estudos e registros de Solomon Schechter em um artigo escrito em 1891, o que é uma evidência clara de que sua voz continuou a falar e ser valorizado ao longo dos primeiros séculos da era cristã entre os autores judeus. Agora, uma outra questão sobre a qual talvez precisemos pensar, mesmo antes de prosseguirmos, é a ideia de Jesus sendo ensinado. Alguns cristãos são inerentemente antagônicos à ideia de que Jesus, o filho de Deus, teve que aprender alguma coisa.

Eu simplesmente sugeriria que, se levarmos a natureza dual de Jesus com a maior seriedade, é natural pensar no menino Jesus aprendendo e procurando aprender à

medida que cumpria a missão divinamente dada. Quero apenas apontar brevemente dois textos que nos mostram, Jesus, na escola e nos exortam a nos alinharmos com a visão canônica de Jesus na escola, em oposição à visão do evangelho apócrifo. Se lêsemos o evangelho da infância de Tomé, encontraríamos quatro episódios naquela narrativa em que vemos Jesus na escola, por assim dizer, lidando com a questão da educação de Jesus, tentando responder à pergunta: onde Jesus nasceu? obter seu conhecimento? E todos esses episódios tentam responder à questão desta forma.

Ele não herdou isso de nenhum professor humano. Ele veio com todo o seu conhecimento pré-embalado e disponível para ele. Devo simplesmente salientar que este é um texto gnóstico, com toda a probabilidade.

Essas histórias apresentam Jesus não aprendendo nada com seus professores judeus enquanto crescia, sendo seus professores judeus totalmente incapazes de lhe ensinar qualquer coisa e, em alguns casos, simplesmente desistindo. O que encontramos neste evangelho é que Jesus confundiu aqueles que presumiam ser seus professores com seu conhecimento superior sobre tudo, desde a letra Aleph até a Torá. Há uma ênfase decididamente diferente no evangelho canônico de Lucas.

Na verdade, o episódio no final do capítulo dois do evangelho de Lucas é um episódio que também aparece no evangelho da infância de Tomé. No evangelho da infância de Tomé, Jesus está ensinando os professores no templo. Não é um diálogo; é um monólogo, e Jesus é quem fala e silencia os mestres do templo.

Este é um quadro muito diferente em Lucas, e os versículos-chave são 46 e 47. Depois de três dias, Maria e José encontraram Jesus no pátio do templo, sentado entre os professores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas. Todos os que o ouviam ficavam admirados com a sua compreensão e com as suas respostas.

O que temos no evangelho canônico é uma imagem de conversa pedagógica, não uma forma de discurso retórico. Jesus está ouvindo; ele está absorvendo o que seus sábios mais antigos de sua religião original têm a oferecer e está fazendo perguntas intuitivas. Claro, se você conhece alguma coisa sobre a cultura judaica, sabe que a pergunta bem colocada pode ser tão incisiva e perspicaz quanto o discurso retórico, a resposta.

Temos esta imagem de Jesus absorvendo, avaliando, testando e sondando o aprendizado que está disponível para ele através dos meios de comunicação típicos de sua cultura. Certamente não aparecendo em cena com todo o conhecimento intacto em seu cérebro, pronto para agir. Jesus foi certamente um professor inovador, trazendo novos ensinamentos com autoridade, mas, ao mesmo tempo, muito mais dos seus ensinamentos têm pedigree do que normalmente poderíamos supor.

Dito isto, eu sugeriria que, provavelmente indiretamente, Jesus absorveu, aprovou e usou um pouco da sabedoria de Ben Sira. Eu não sugeriria que ele lesse o texto de Ben Sira, que abrisse aquele pergaminho em algum lugar, mas sugeriria que Ben Sira, a sabedoria, o ensinamento de Ben Sira permeou a sabedoria dos sábios, escribas, rabinos, professores na Judéia em virtude de sua localização. E vimos evidências de que ele foi influente antes de Jesus e foi muito influente depois de Jesus, então provavelmente também foi influente durante a vida de Jesus.

E assim, ao ouvir os seus professores, Jesus teria tido a oportunidade de absorver, mesmo sem conhecer a fonte, um pouco do que encontramos em Ben Sira. Então, Jesus diz, como está registrado em Mateus 5: Dê a todo aquele que lhe pede e não recuse ninguém que queira pedir emprestado de você. Amai os vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus.

Pois ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos. Agora, veremos aqui material que é característico de Jesus, mas parte dele parece ter sido aprendido e apropriado além do que o Antigo Testamento tem a oferecer, a partir da sabedoria de Ben Sira, que tem uma visão semelhante de como imitar a Deus. Ao ser generoso ao amar os inimigos e orar por aqueles que o perseguem, você se torna filho do seu Pai celestial porque imita o caráter de Deus.

Da mesma forma, escreve Ben Sira, não rejeite um suplicante em perigo nem desvie o rosto dos pobres. Não desvie os olhos dos necessitados e não dê a ninguém motivo para amaldiçoá-lo. Seja um pai para os órfãos; seja como um marido para sua mãe.

Você será então como um filho do Altíssimo, e ele o amará mais do que sua própria mãe. Agora, embora existam diferenças, Ben Sira não chega ao ponto de sugerir amar os seus inimigos e rezar por aqueles que os perseguem. Ele ensina que não se deve desviar os olhos dos necessitados ou rejeitar um suplicante, tal como Jesus ensinaria mais tarde.

Dê a todos que lhe pedem e não recuse aqueles que lhe pedem emprestado. Ben Sira também relaciona ser filho de Deus com o espelhamento do coração generoso de Deus e do cuidado de Deus para com os necessitados. Jesus ensinou muito sobre o perdão e quando eu estava simplesmente imerso no Antigo Testamento e no Novo Testamento, considere estes ensinamentos sobre o perdão como inteiramente uma nova invenção de Jesus, algo que o seu público nunca teria ouvido antes.

Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. Parte da Oração do Pai Nosso, é claro, é a única que recebe comentários no Sermão da Montanha, pois se você perdoar as ofensas dos outros, seu Pai Celestial também

o perdoará. Mas se você não perdoar os outros, seu Pai também não perdoará suas ofensas.

E o leitor familiarizado com Mateus também pode pensar neste ponto na parábola do servo implacável em Mateus 18, acho que é dos versículos 21 ou 23 ao versículo 35 que a parábola do servo implacável reforça esse ensino em Mateus 6:14 a 15 . Só para refrescar sua memória, caso não esteja certo para você, um servo tem uma certa dívida com seu senhor, digamos, cem denários, porque não consigo lembrar a quantia exata e o senhor ameaça vender o servo , e sua família para que o dinheiro possa ser recuperado e a dívida saldada. O servo implora ao senhor que não faça isso, mas que seja paciente com ele e lhe dê tempo para pagar a dívida.

E o mestre, francamente, perdoa a dívida. Mas esse mesmo servo sai e encontra um conservo que lhe deve um denário , um denário, e o segundo servo lhe implora que tenha paciência com ele, que lhe perdoe a dívida. E este primeiro servo recusa e entrega-o aos carcereiros até que a dívida seja paga.

O mestre descobre e resgata o primeiro servo porque ele não estendeu misericórdia ao seu companheiro depois que seu senhor lhe estendeu muito mais misericórdia. Bem, novamente, se você apenas ler o Antigo Testamento, isso soará como um ensinamento novo. Mas descobrimos que Ben Sira ensinou de forma muito semelhante sobre o perdão.

Ele escreve: perdoe ao seu próximo o mal que ele fez, e então seus pecados serão perdoados quando você orar. Uma pessoa nutre raiva contra outra pessoa e ainda assim busca a cura do Senhor? Eles não têm misericórdia para com seres humanos como eles e ainda assim oram por seus próprios pecados? Encontramos no sábio mais velho a expectativa de que nós, os servos de Deus, seremos misericordiosos com as ofensas uns dos outros como um pré-requisito para buscar a misericórdia de Deus pelas nossas ofensas contra ele. A pressuposição é que a honra de Deus é tão maior do que a nossa que é a presunção última da nossa parte, por um lado, pensar que Deus vai deixar de lado as ofensas, os nossos pecados, as nossas transgressões enquanto não deixarmos de lado desconsiderações de lado.

Se tratarmos a nossa honra, o nosso valor, como mais valioso, mais a ser preservado do que a honra do próprio Deus, estaremos cometendo um pecado de grande presunção e deveríamos esperar, portanto, não sermos perdoados quando oramos. Esta é precisamente a lógica que encontramos na parábola de Jesus e depois nas suas instruções mais extraídas. Ben Sira, como Tobit, promove a esmola.

E sabemos que dar esmolas é algo ao qual a própria Torá dá muita atenção. Na lei, somos instruídos a cuidar dos necessitados entre nós, a dar aos pobres. E assim, o que Ben Sira ou Tobit fazem não é inteiramente novo.

Mas os números que usam e as motivações que usam levam o discurso do Antigo Testamento um passo adiante. E assim, lemos em Ben Sira, capítulo 29, Ajude os pobres por causa do mandamento e em sua necessidade, não os mande embora de mãos vazias. Perca sua prata por causa de um irmão ou amigo, e não deixe que ela enferruje debaixo de uma pedra e se perca.

Acumule o seu tesouro de acordo com os mandamentos do Altíssimo , e ele lhe renderá mais lucro do que o ouro. Guarde a esmola em seu tesouro e ela o salvará de todos os desastres. Agora, aqueles de nós que estão familiarizados com os ensinamentos de Jesus sobre dar esmolas e sobre a caridade para com o próximo já terão ouvido algumas figuras e temas-chave que emergem nos ensinamentos de Jesus.

Por exemplo, em Mateus 6, versículos 19 e 20, não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem consomem e onde os ladrões minam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem e onde nem a traça nem a ferrugem consomem e onde ladrões não arrombam e roubam. E no evangelho de Lucas temos instruções mais explícitas sobre como acumular um tesouro no céu. Em Lucas 12, Jesus diz: venda seus bens e dê esmolas.

Façam para vocês bolsas que não se desgastem, um tesouro inesgotável no céu, onde nenhum ladrão chega e nenhuma traça destrói. Tal como Ben Sira, Jesus afirma que o dinheiro que fica ocioso, em vez de ser gasto em obras de misericórdia, aliviando as necessidades presentes de outra pessoa, acaba por ser perdido pela ferrugem e pelo roubo. Tal como Ben Sira, Jesus usa esta imagem de acumular um tesouro na terra em vez de um tesouro no céu ou um tesouro com Deus que tem um valor mais duradouro para o futuro do que apenas guardar dinheiro no nosso buraco no chão ou na nossa conta bancária.

O que é um pouco diferente aqui é que Ben Sira provavelmente não tem nenhuma visão da vida após a morte. E assim, para Ben Sira, esse tesouro guardado com Deus paga dividendos nesta vida quando alguém precisa de si mesmo. Para Jesus, acumular esse tesouro com Deus rende, se assim posso dizer, dividendos eternos.

Ambos concordam com isso, no entanto. Você realmente só mantém o que dá. O que você tenta guardar para si se perde.

O que você dá para aliviar as necessidades dos outros permanece com você na conta de Deus para sempre. Descobrimos que tanto Ben Sira como Jesus, dois séculos depois, ensinam sobre a presunção e ensinam contra a presunção sobre a misericórdia de Deus. Ben Sira disse: não cometa um pecado duas vezes.

Mesmo para um deles, você não ficará impune. Não diga que ele considerará a multidão dos meus presentes. E quando eu fizer uma oferta ao Deus Altíssimo, ele a aceitará.

Ben Sira ensina, numa espécie de gênero proverbial, que você não pode basicamente subornar Deus com seu bom comportamento ou seus atos de caridade. O pecado é sério e precisa de arrependimento. Jesus ensina um ponto muito semelhante em modo narrativo, usando uma parábola em vez de um discurso direto, um ensinamento proverbial.

E estamos familiarizados com esta história de Lucas 18. Dois homens subiram ao templo para orar, um fariseu e o outro cobrador de impostos. O fariseu, sozinho, orava assim: Deus, agradeço-te porque não sou como as outras pessoas.

Ladrões, malandros, adúlteros, ou mesmo como este cobrador de impostos. Jejuo duas vezes por semana. Dou um décimo de toda a minha renda.

Mas o publicano, parado ao longe, nem sequer olhava para o céu, mas batia no peito e dizia: Deus, tenha misericórdia de mim, que sou pecador. Eu lhe digo, este homem desceu justificado para sua casa, e não o outro. Agora, talvez não haja nenhuma linha direta de dependência aí, mas sim a parábola de Jesus.

Ressoa profundamente com o material já presente na tradição de sabedoria judaica. Ou seja, esta ideia de que a sua piedade e os seus atos de caridade não lhe dão base para o orgulho aos olhos de Deus. Mas diante de Deus, deve-se sempre considerar cuidadosamente os próprios pecados e transgressões e permanecer humilde, pedindo misericórdia em vez de presumir o perdão de Deus com base na estatura piedosa imaginada.

Outro ponto marcante de correspondência se manifesta nos convites ao discipulado que encontramos tanto em Ben Sira quanto no discurso de Jesus, registrado em Mateus. Em Mateus 11, Jesus diz: vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomem sobre vocês meu jugo e aprendam de mim, e encontrarão descanso para suas almas, pois meu jugo é suave e meu fardo é leve.

Este convite ressoa de forma impressionante com outros convites de outros sábios e outros professores de sabedoria nesta cultura, nomeadamente Ben Sira, capítulo 51. Aproximem-se de mim, vocês que não são instruídos, e hospedem-se na minha escola. Coloquem o pescoço sob o jugo e deixem que suas almas recebam instrução.

Pode ser encontrado por perto. Veja com seus olhos que trabalhei pouco e encontrei muito descanso. Entre os dois, encontramos uma série de pontos em comum.

O convite para vir a mim, para se aproximar de mim, a imagem da instrução como um jugo que o discípulo deve assumir. A promessa é que o discípulo não achará esse jugo pesado, mas sim o caminho para o descanso. Obviamente, uma grande diferença é que Ben Sira convida as pessoas a virem ao edifício escolar que ele possui em Jerusalém.

Jesus está convidando as pessoas a acompanhá-lo no caminho, porque ele, é claro, não tem onde reclinar a cabeça. E seu ministério é itinerante, longe das estruturas oficiais do ensino e da piedade judaica. Agora, tendo dito tudo isso, acho que isso sugere que o material de Ben Sira entrou na corrente de ensino em toda a Judéia.

E que Jesus ouviu, aprendeu e aprovou e, em alguns casos, modificou e desenvolveu esse ensino. Dito tudo isso, há também alguns pontos de diferença muito marcantes entre o que encontramos em Jesus e o que encontramos em Ben Sira. Por exemplo, voltando à ideia de caridade e de extensão da ajuda, Ben Sira aconselha especificamente limitar a generosidade aos piedosos e aos bons entre os pobres.

Visto que, como ele raciocina, Deus odeia os pecadores. Jesus, por outro lado, exortou à generosidade para com todos os suplicantes, bons e maus, uma vez que, afirmou ele, Deus era generoso tanto com os bons como com os ímpios. Assim, encontramos uma forte atração de caridade para com aqueles que sabemos serem judeus observadores da Torá, como nós em Ben Sira.

Porque isto é um reflexo da imagem de Deus de Ben Sira. Deus odeia os pecadores e ama os justos. Mas Jesus carrega e apresenta uma imagem de Deus muito diferente.

Isso influencia, isso impacta o modo como ele exorta as pessoas a serem imitadores de Deus. Ben Sira condena inflexivelmente as mulheres aos espaços privados de casa. E ele também promove a hostilidade, ainda que apenas em alguns versículos, contra os samaritanos.

Jesus não faz nenhuma das duas coisas. Ele se separa de Ben Sira de maneira muito severa em ambos. No que diz respeito aos samaritanos, ele interage livremente e procura ministrá-los.

Pense em João 4, por exemplo. Os samaritanos aparecem como heróis de suas parábolas, o Bom Samaritano, é claro, e são apontados como aqueles que respondem a Jesus melhor do que outros. Por exemplo, nos Dez Leprosos, apenas um deles pensou em voltar e expressar pessoalmente gratidão a Jesus.

E aquele era um samaritano. E, claro, Jesus convidou as mulheres para espaços onde os discípulos do sexo masculino se reuniam. Por exemplo, Maria foi bem-vinda na companhia de seus discípulos do sexo masculino para ouvir e se beneficiar de seus

ensinamentos, enquanto Marta queria chamar Maria de volta aos espaços internos da casa, na cozinha.

E as mulheres viajaram com Jesus. Em Lucas 8:1 a 3, aprendemos sobre aquelas mulheres ricas que apoiaram o ministério itinerante de Jesus e não o fizeram apenas preenchendo um cheque e enviando-o de longe, mas viajando na companhia de Jesus. O que provavelmente era uma coisa ousada de se fazer, porque mulheres desacompanhadas por homens na companhia de outros homens era algo questionável naquela cultura.

Ben Sira aconselha o divórcio da esposa que não faz o que ela manda. Jesus, pelo contrário, eleva as intenções de Deus para o casamento, conforme expressas em Gênesis 2:24, acima da provisão legal para o divórcio na própria Torá. Portanto, há vários pontos importantes de diferenciação onde Jesus discordou fortemente da tradição de sabedoria que herdou nas sinagogas onde aprendeu quando criança.

Quero abordar agora alguns pontos de influência entre Ben Sira e Tiago, o meio-irmão de Jesus, que se tornou o líder pelo menos da ala judaico-cristã do movimento cristão, talvez o líder de todo o movimento cristão, baseado em Jerusalém, provavelmente durante pelo menos três décadas de sua vida, de cerca de 30 dC a 62 dC, quando o próprio Tiago finalmente encontrou o martírio. Tanto Ben Sira, por volta de 200 aC, quanto Tiago, escrevendo sua epístola em, realmente não sabemos quando, em algum lugar entre 40 e 62 dC, digamos, ambos os sábios abordam os problemas teológicos, sinto muito, ambos os sábios abordam o perigo da língua, o perigo da fala. Isto é, a fala pode curar e ajudar, a fala pode ferir e destruir, a fala pode ganhar favores e a fala pode alienar e perder favores.

Assim, na sabedoria de Ben Sira, ele volta a este tópico várias vezes. Ele escreve: quem colocará uma guarda sobre minha boca e um selo eficaz sobre meus lábios, para que eu não caia por causa deles e minha língua não me destrua? E Ben Sira faz a pergunta retórica: quem nunca pecou com a língua? E ele diz mais tarde que a língua não tem poder sobre os piedosos. Eles não serão queimados em sua chama.

Aqueles que abandonam o Senhor cairão em seu poder. Arderá entre eles e não se apagará. Tiago também observa o perigo da língua e usa a mesma metáfora para falar sobre o poder da língua.

A língua é um fogo. É colocado entre nossos membros como um mundo cheio de iniquidade. Mancha todo o corpo, incendeia o ciclo da natureza e é ele próprio incendiado pelo inferno.

Um mal inquieto está cheio de veneno mortal. Agora, não há muita evidência direta de dependência aí, mas esta imagem da língua como um fogo ardente que pode queimar você, que pode causar grandes danos, é uma imagem que Tiago herda da

tradição de sabedoria que ele herdou. . Um ponto de correspondência um pouco mais direto, um pouco mais próximo , tem a ver com a maneira como ambos os sábios encaram a dualidade do discurso.

Ben Sira escreve que se você acender uma faísca, ela brilhará. Se você cuspir nele, ele será apagado. No entanto, ambos saem da sua boca.

E isto ocorre no contexto de pensar sobre os efeitos muito diferentes que a fala pode ter. Pode construir, destruir, ganhar favores e alienar. Mas ambos os tipos de atos saem da mesma fonte, do mesmo bico.

E isso não é estranho? James nos dá uma imagem muito semelhante, embora a desenvolva um pouco mais. Com a língua bendizemos o Senhor e Pai, e com a língua amaldiçoamos aqueles que são feitos à semelhança de Deus. Da mesma boca vêm bênção e maldição.

E ele diz, irmãos e irmãs, não deveria ser assim. Por que? Porque a natureza nos diz que o mesmo orifício não deve produzir efeitos tão diferentes. Será que uma fonte jorra da mesma abertura, tanto água doce quanto água salobra? Pode uma figueira, meus irmãos, produzir azeitonas ou uma videira, figos ? A água salgada não pode mais produzir água doce.

Assim, ambos os sábios lidam com a dificuldade dos diferentes tipos de consequências que advêm da fala e exortam os seus alunos, os seus ouvintes, a avançarem em direção a uma maior integridade na fala. De modo que, no caso de Tiago, por exemplo, a bênção vem consistentemente dele e assim por diante. Ben Sira diz que o sábio aprova uma máxima e acrescenta algo a ela.

Assim, os sábios sempre pensam na sabedoria com provérbios. Os sábios estão sempre pensando em provérbios e acrescentando algo ao provérbio e ao repertório de provérbios. E há apenas um exemplo interessante deste tipo de atividade entre estes dois sábios, os próprios Ben Sira e James.

E, claro, Ben Sira aqui também está retomando o texto do livro canônico de Provérbios. Ele diz para ser rápido em ouvir, mas deliberado em responder. E Tiago diz: Que todos sejam prontos para ouvir, tardios para falar, deliberados em responder e tardios em irar-se.

Portanto, e apresento isto de forma um tanto fantasiosa, poderíamos ter aqui um exemplo de Tiago, como um sábio, aprovando uma máxima e acrescentando-lhe uma cláusula. Uma correspondência mais séria surge quando consideramos como os dois sábios abordam o problema teológico da fonte da tentação num mundo que é governado por um Deus supostamente onipotente. Assim, surge a questão de quem é o responsável final pelo pecado.

Ambos os sábios afirmarão que o problema não pode ser resolvido atribuindo a responsabilidade a Deus. Ben Sira escreveu, não diga, por causa do Senhor, saí do caminho certo, pois Deus não fará o que Deus odeia. Não diga que Deus me desviou, pois Deus não precisa de uma pessoa pecadora.

Ele não ordena que ninguém seja ímpio e não dá a ninguém licença para pecar. Tiago ensina de maneira bastante semelhante: que ninguém, quando tentado, diga: sou tentado por Deus. Pois Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo não tenta ninguém.

Mas cada pessoa é tentada quando é atraída e seduzida pelo seu próprio desejo. Assim, tanto Ben Sira como Tiago respondem à questão do problema teológico da mesma maneira. Eles distanciam Deus de ser a causa ou fonte do mal e colocam a responsabilidade diretamente sobre a pessoa individual.

O desejo humano é a fonte do incentivo ao pecado, e o poder de ceder ao pecado ou de resistir ao pecado depende da nossa escolha. Como diria Ben Sira, ele colocou fogo e água diante de você. Você pode estender a mão para o que quiser.

A vida e a morte estão diante dos seres humanos. Eles receberão o que quiserem. Tiago diz da mesma forma, ou melhor, coloca a escolha do ser humano entre ceder aos desejos que levam à morte ou resistir a essas tentações e andar no caminho que leva à vida.

Agora , não me parece surpreendente que dois professores que estão tão intimamente enraizados na tradição de sabedoria de Israel, Tiago e Jesus, não citem mais comumente os sábios com quem aprenderam. E digo isto porque o próprio Ben Sira depende amplamente de Provérbios, do livro canônico de Provérbios. E ainda assim ele nunca cita Provérbios.

Ele recita, bem, recitar é a palavra errada. Ele tece o material de Provérbios em seu próprio novo material sem atribuição. E muitas vezes, parafraseando o que encontramos em Provérbios, ele torna a sabedoria sua e parte da sabedoria que ele transmite sem notas de rodapé. Richard Bauckham , um grande estudioso da tradição de Jesus e também dos irmãos de Jesus, Tiago e Judas, entende que esta é naturalmente a prática do sábio neste período.

Este é o período pré-rabínico quando a citação é tudo. Ele entende a prática do sábio de expressar sua própria sabedoria, e estou citando Baucom agora para expressar sua própria sabedoria em sua própria formulação da sabedoria que ele adquiriu com seu estudo intensivo da tradição, sem simplesmente repeti-la. Eu gostaria de mudar agora de James e Jude para pensar em Paul.

Particularmente para examinar as maneiras pelas quais o material que encontramos na Sabedoria de Salomão pode ter exercido alguma influência formativa no pensamento de Paulo, particularmente quando Paulo pensa sobre a religião gentia e as práticas éticas ou antiéticas dos gentios. E aqui as questões de influência direta tornam-se mais difíceis.

Ben Sera escreveu 200 anos antes de Jesus e Tiago. Isso é muito tempo. Tempo suficiente para que um texto se torne difundido o suficiente para exercer influência.

A Sabedoria de Salomão poderia ter sido escrita apenas algumas décadas antes do ministério ativo de Paulo. Talvez apenas uma década antes da conversão do próprio Paulo. Assim, tendo em mente que a datação da Sabedoria de Salomão é muito contestada, eu não sugeriria então que a Sabedoria de Salomão estivesse exercendo uma influência direta sobre Paulo.

Mas eu sugeriria que na Sabedoria de Salomão temos acesso às tradições judaicas helenísticas que também influenciam Paulo. E eu apenas afirmo isso para dizer que se estivermos familiarizados com os Apócrifos, ficaremos mais conscientes de quando um escritor como Paulo está criando material novo. Quando um escritor como Paulo recorre a uma tradição bem desenvolvida que herdou,

Isto é especialmente verdadeiro no caso da crítica de Paulo à religião e prática dos gentios. O autor de Sabedoria de Salomão escreve no capítulo 13: Todos os humanos que não conhecem a Deus são cabeça-oça por natureza. Apesar das coisas boas que podem ser vistas, eles de alguma forma foram incapazes de conhecer quem realmente é.

Embora estivessem fascinados pelo que ele havia feito, não conseguiram reconhecer o criador de tudo. Essas pessoas poderiam ter percebido algo daquele que criou todas as coisas ao pensarem no poder e na beleza das coisas que foram criadas. É por esta razão que eles não estão isentos de culpa.

Essas pessoas não estão desculpadas. Portanto, o que encontramos na Sabedoria de Salomão é a sensação de que a marca de Deus está presente na criação. Contemplar a própria criação deve levar à consciência de Deus e à apreciação da majestade, do poder e dos atributos divinos de Deus.

Assim, os gentios, embora não tenham a revelação direta de Deus que os israelitas desfrutaram ao longo da história, não estão isentos de desculpa por terem ido atrás de outros deuses e adorado ídolos. A própria criação deveria tê-los levado à verdade sobre Deus. Agora nos voltamos para Romanos 1 e encontramos esse mesmo argumento tradicional sendo usado por Paulo quando ele fala sobre a responsabilidade e a pecaminosidade dos gentios.

A ira de Deus está sendo revelada do céu contra todo o comportamento ímpio e a injustiça dos seres humanos que silenciam a verdade com a injustiça. Isto ocorre porque o que é conhecido sobre Deus deveria ser claro para eles. Porque Deus deixou isso claro para eles.

Desde a criação do mundo, as qualidades invisíveis, o poder eterno e a natureza divina de Deus têm sido claramente vistos porque são compreendidos por meio das coisas que Deus fez. Portanto, os seres humanos não têm desculpa. Paulo é ainda mais forte neste ponto do que o autor de Sabedoria de Salomão.

Este último autor quer dar um descanso aos gentios porque a criação é tão bela. Talvez eles tenham se distraído pela beleza e adorado a coisa criada em vez do criador. Mas Paulo não aceitará nada disso.

Não há desculpa para adorar a coisa criada em vez do criador. Também descobrimos na Sabedoria de Salomão que esta falha em chegar à percepção do Deus único e, portanto, adorar as coisas criadas está na raiz da confusão ética, da desordem ética que permeia a sociedade gentia. Assim, lemos em Sabedoria de Salomão 14 que tudo se torna uma mistura confusa de sangue, assassinato, roubo e engano.

Corrupção, quebra de palavra, revolta, falsas promessas, todas essas coisas abundam. O adultério e a promiscuidade são abundantes. A adoração de ídolos sem nome é a origem de todo o mal, tanto a sua causa como o seu resultado.

Então, se voltarmos a Romanos, encontraremos o mesmo movimento sendo feito. A idolatria é a causa raiz da ruptura moral em toda a sociedade gentia.

E assim, lemos em Romanos 1, eles, os gentios, trocaram a verdade de Deus por uma mentira. E eles adoraram e serviram a criação em vez do criador, que é abençoado para sempre. Amém.

É por isso que Deus os abandonou à luxúria degradante. Deus os abandonou a uma mente defeituosa para fazer coisas inadequadas. Então, eles estavam cheios de toda injustiça, comportamento perverso, ganância e comportamento maligno.

Eles estão cheios de ciúme, assassinato, brigas, engano e malícia. Eles são sem compreensão, desleais, sem afeto e sem piedade. E assim, Paulo claramente adotou e colocou em uso uma descrição judaica helenística tradicional do que há de errado com a cultura gentia e por quê.

Então, ele aprovou, ele colocou em uso. Obviamente, porém, ele dá um passo impressionante que o autor de Sabedoria de Salomão não dá. Depois que Paulo termina tudo isso, no capítulo 2, ele volta sua atenção para o que há de errado com a prática e o pensamento judaico.

Porque, do ponto de vista de Paulo, nenhum grupo étnico, ou grupo de grupos étnicos, no caso dos gentios, tem vantagem sobre o outro diante de Deus. Quero abordar agora outra forma pela qual a literatura apócrifa impactou o pensamento cristão primitivo. E assim, vou voltar para 2 e 4 Macabeus, particularmente a história dos nove mártires em 2 Macabeus 6 e 7. Isto parece ter exercido um impacto já na carta aos Hebreus.

Perto do final da celebração do autor em Hebreus sobre como é a fé na prática, sua celebração dos dignos do passado que encarnaram a fé, ele inclui este versículo. As mulheres receberam seus mortos pela ressurreição. Outros foram torturados, recusando-se a aceitar a libertação para obter uma ressurreição melhor.

Agora, neste versículo, o autor usa a ressurreição duas vezes, mas está claramente distinguindo dois tipos de ressurreição. Na primeira metade do versículo, ele provavelmente está se referindo às histórias de Elias e Eliseu e trazendo de volta dos mortos os filhos das viúvas necessitadas.

Mas isso foi apenas uma ressuscitação. Essa é uma palavra que usaríamos e que eles não usavam no primeiro século. Isso foi apenas uma ressuscitação.

Presumivelmente, essas crianças morreram novamente, esperançosamente na velhice. Lázaro, você sabe, morreu novamente, provavelmente em idade muito mais avançada do que da primeira vez. Algo diferente é mencionado no segundo versículo.

Aqueles que foram torturados, recusando-se a aceitar a libertação para obter uma ressurreição melhor. Essa ressurreição melhor, é claro, é chegar à vida eterna, dentro da qual não há mais morte. O autor de Hebreus 11 está lembrando aqueles mártires de 2 Macabeus 6.18 a 7.40. Estas são as pessoas na tradição judaica que são torturadas, a quem é dada a oportunidade de serem libertadas da tortura se simplesmente quebrarem a fé em Deus.

E que recusam especificamente pela esperança de ressurreição e vida eterna que Deus daria aos fiéis. O que o autor de Hebreus faz, apenas de passagem, outros autores cristãos primitivos, e agora estou começando a ir além do Novo Testamento para o impacto dos apócrifos na igreja primitiva nos séculos II e III. Outros autores cristãos primitivos fariam isso de uma forma muito mais focada.

Como você sabe, os cristãos passaram a ser cada vez mais perseguidos nos séculos II e III dC. Origem, vivendo por volta de 235 DC, na verdade, foi no século III que a perseguição começou como um incêndio no mundo romano. Origem, escrevendo em 235 d.C., tenta preparar dois diáconos, Ambrósio e Protactito, que foram presos e enfrentam esse mesmo tipo de cenário.

Eles estão prestes a ter a escolha de serem libertados de uma experiência brutal e prolongada de morte ou de permanecerem firmes na sua fé em Cristo até o fim. E assim, quando Orígenes escreve a sua exortação ao martírio, é, na verdade, uma longa homilia sobre 2 Macabeus 6 e 7. É para estes mártires judeus que os cristãos devem procurar o exemplo que lhes roubará a coragem e lhes dará o modelo que eles precisam enfrentar uma disputa muito semelhante àquela enfrentada pelos mártires antes de Antíoco IV. E para que conste, Orígenes mostra um conhecimento claro de 2 e 4 Macabeus.

Ele segue o texto de 2 Macabeus, mas usa muitas imagens e acrescenta muitos fragmentos de diálogo de 4 Macabeus à medida que avança. Assim, os sete irmãos tornam-se, nas suas palavras, um exemplo poderoso e nobre de martírio robusto para todos os que ponderam se ele se revelará menos homem do que menino. Ele elogia especialmente as últimas palavras de Eleazar como modelo de mentalidade a ser adotada ao enfrentar a morte.

Nomeadamente, considerando como alguém dará o exemplo aos outros, neste caso, aos cristãos, para que, pelo seu próprio fracasso em perseverar até à morte, não prejudique o compromisso dos seus irmãos e irmãs de perseverar até à morte e, assim, lhes custe tanto bem como a si mesmo a vida eterna. Orígenes narra as torturas de 2 Macabeus em detalhes terríveis para assegurar a esses dois diáconos que, seja o que for que enfrentarão, o pior já foi suportado por causa de Deus. Orígenes, também como 2 e 4 Macabeus, usa o tema da gratidão para exortar os mártires cristãos porque o martírio é o pagamento perfeito do dom da vida de volta àquele que deu a vida em primeiro lugar.

Não muito depois, Cipriano de Cartago escreveu uma exortação sobre o martírio por volta de 256 DC. E ele, como Orígenes, parafraseia e cita extensivamente 2 Macabeus ao longo do caminho, exortando os cristãos que enfrentam a próxima grande onda de perseguição a perseverarem até o fim. Agora, a influência de 2 e 4 Macabeus e destas narrativas de mártires persiste muito depois de o Cristianismo ter sido legalizado e, de facto, se ter tornado a religião dominante e majoritária em todo o Império Romano.

Agostinho continua a olhar para os mártires em seus sermões em busca de inspiração para seu público. A mãe dos sete irmãos torna-se uma figura, um protótipo da igreja mãe durante os séculos de perseguição. E Agostinho argumenta, de forma bastante surpreendente, que estes foram mártires cristãos, embora tenham morrido antes de Jesus viver.

Eles morreram pela antiga aliança que antecipava a nova aliança. Eles morreram, como ele disse, pelo nome de Cristo, visto que esse nome estava velado na lei. Devo

simplesmente salientar neste ponto que havia um lugar para os mártires judeus no calendário cristão dos santos.

Somente estes mártires, os narrados em 2 e 4 Macabeus. 1º de agosto era o dia deles e algumas pessoas nos séculos IV e V salvaram a ideia, mas tanto Agostinho quanto Crisóstomo defenderam seu lugar no calendário dos santos porque mostraram tal compromisso com Deus antes mesmo de Cristo vir e tornar a morte menos assustador. Quando nos voltamos para os escritos de João Crisóstomo, encontramos um uso diferente desses mártires, um uso na verdade muito mais de acordo com o 4º Macabeus do que com o 2º Macabeus.

João Crisóstomo usa os mártires, tal como fez o autor do Quarto Macabeus, como exemplos de resistência na virtude diante do ataque das paixões. E assim ele encoraja o seu público cristão a demonstrar tanta resistência contra as paixões irracionais da raiva, o desejo por dinheiro, a luxúria corporal, a glória vazia, e afins, como estes mártires judeus demonstraram compromisso com a sua filosofia nas suas agonias. Outra forma pela qual a Sabedoria de Salomão, mudando de marcha mais uma vez, exerceu uma influência profunda na igreja primitiva foi na área da teologia cristã primitiva, especialmente na área de tentar pensar em Jesus antes da encarnação, acreditando que Jesus era igual a Deus. com Deus e eterno, o Filho, acreditando que o Filho era eterno ao lado de Deus, os primeiros cristãos naturalmente se perguntavam: bem, então, o que o Filho estava fazendo antes do Verbo se tornar carne? A Sabedoria de Salomão forneceu uma grande quantidade de matéria-prima para responder a essa pergunta.

Agora, como já discutimos, a própria Sabedoria de Salomão desenvolveu algo que encontramos em Provérbios, Provérbios 8, esta figura da senhora sabedoria que esteve ao lado de Deus na criação, que esteve lá como um mestre artesão ao lado do arquiteto na criação de tudo o que é, e na preservação de tudo o que é. Mas o autor de Sabedoria de Salomão vai mais longe em sua descrição da sabedoria, e assim lemos em Sabedoria de Salomão 7, Sabedoria, a hábil modeladora de todas as coisas, me ensinou, me ensinou, Salomão, por assim dizer, Salomão entre aspas . Ela é um sopro do poder de Deus, um espelho imaculado do poder de ação de Deus e uma imagem da bondade de Deus.

Sendo uma, ela é capaz de todas as coisas e, permanecendo intacta em si mesma, renova todas as coisas e entra nas almas santas , geração após geração, tornando-as profetas e amigas de Deus. Agora, além de Provérbios, o autor de Sabedoria de Salomão fala sobre a sabedoria como um reflexo imaculado do ser de Deus. Ele usa a imagem de, parece que a pulei aqui, mas ele usa a imagem da iluminação, da refulgência e da fonte de luz para falar sobre o relacionamento da sabedoria com Deus.

Essas mesmas imagens aparecem quando os autores do Novo Testamento começam a falar de Jesus antes da encarnação e do sol antes da encarnação. Paulo usa linguagem nesse sentido em Colossenses 1:15 a 17. O sol é a imagem, novamente a palavra eikon, a imagem do Deus invisível, aquele que é o primeiro sobre toda a criação, porque todas as coisas foram criadas por ele, tanto nos céus e na terra, as coisas visíveis e as coisas invisíveis.

Todas as coisas foram criadas por meio dele e para ele. Ele existia antes de todas as coisas, e todas as coisas estão unidas nele. Agora, muito disso pode ser atribuído ao fato de Provérbios falar sobre a sabedoria como uma espécie de parceira de Deus na criação.

Mas a ideia de que o sol é a imagem do Deus invisível baseia-se no desenvolvimento da sabedoria em Sabedoria de Salomão 7. O autor de Hebreus vai ainda mais longe. Ele escreve, nestes dias mais recentes, Deus falou conosco em um sol, a quem ele fez herdeiro de todas as coisas, através de quem ele criou os tempos, que é o brilho da glória de Deus e a marca exata do ser de Deus, sustentando todas as coisas. pela sua palavra poderosa. Agora, a imagem ou a ideia de que o sol é o esplendor da glória de Deus parece ser uma paráfrase, uma reutilização da imagem da sabedoria sendo a iluminação que vem de Deus, a fonte de luz.

A ideia de que o sol é a marca exata do ser de Deus reflete a ideia da sabedoria como o eikon de Deus, a imagem de Deus. E então esta nota adicional de que o sol sustenta todas as coisas por meio de sua palavra poderosa vai além da sabedoria como agente de Deus na criação para a sabedoria como aquilo que continua a sustentar o que Deus criou. Dito isto, as tradições de sabedoria, não apenas em Provérbios 8, mas também como foram desenvolvidas no período do Segundo Templo em textos como a Sabedoria de Salomão, fornecem a matéria-prima para decidir ou pensar sobre o que o sol estava fazendo antes da encarnação.

A Sabedoria de Salomão continua a ser usada na igreja primitiva até o segundo, terceiro e quarto séculos em discussões sobre a subordinação ou a igualdade do pai e do filho, quer o pai e o filho compartilhem ou não a mesma essência, como em o credo de um ser com o pai, bem como a questão da geração eterna do filho do pai, como na linha também do credo, eternamente gerado do pai. Vou apenas dar alguns exemplos aqui. Um pai da igreja primitiva chamado Quad Volt Deus.

Obviamente, ele adotou esse nome. Significa simplesmente o que Deus quer. Quad Volt Deus aplica Sabedoria 8:1, onde lemos que a sabedoria alcança força de um canto a outro da terra, ordenando bem todas as coisas, para defender a igualdade do filho com o pai, uma vez que o filho identificado com a sabedoria aqui, exhibe a mesma onipresença e onipotência do pai.

Dionísio de Alexandria argumenta que o pai e o filho têm a mesma natureza eterna, uma vez que o filho é uma emanção do poder de Deus, citando a Sabedoria de Salomão 7:25. Visto que o filho está relacionado com o pai, assim como a radiância está relacionada com a luz. Eles são o filho e o pai; no entanto, eles também são, não mais que dois seres diferentes do que o brilho da luz pode ser separado da fonte de luz, como argumenta Ambrose. Então, com tudo isso para dizer, os pais da igreja primitiva basearam-se extensivamente na Sabedoria de Salomão e no quadro desenvolvido da figura da sabedoria ali para resolver algumas questões fundamentais muito básicas da cristologia e da teologia trinitária.

Concluindo, quero apenas examinar alguns lugares onde os pais da igreja primitiva leram os Apócrifos como um testemunho profético de Cristo, exatamente da mesma maneira que eles e os autores do Novo Testamento leram, para nós, o Antigo Testamento canônico como um testemunho profético. testemunho de Cristo, fornecendo provas adicionais de que a forma distinta de messianismo de Jesus fazia parte do plano de Deus. Em Baruque 3, 36 a 37, encontramos esta afirmação sobre Deus. Este é o nosso Deus.

Nenhum outro será comparado a ele. Deus descobriu todas as formas de conhecimento e deu-a, nomeadamente a sabedoria, ao seu filho Jacó, a Israel, a quem ele amava. Depois disso, ela ou ele apareceu na terra e viveu entre os seres humanos.

Agora, isto está lido, e eu digo ela ou ele porque em grego não há nenhum pronome nesse ponto para determinar se estamos falando sobre ele ou ela. Então, poderíamos nos afastar da sabedoria feminina naquele ponto para Deus naquele ponto. E depois, Deus apareceu na terra e viveu entre os seres humanos.

E é assim que vários dos primeiros pais cristãos interpretam Baruque 3. Eles o citam como uma profecia da encarnação, entendendo que Deus é o sujeito do verbo que ele apareceu na terra. Sabedoria de Salomão 2 também é lida como uma profecia, especificamente uma profecia da crucificação de Cristo. Em Sabedoria de Salomão 2, lemos a execução ímpia deste plano.

Vamos armar uma emboscada para quem faz o que é certo, para o justo. Ele até se vangloria de que Deus é seu pai. Vamos ver se suas palavras são verdadeiras.

Vamos colocá-lo à prova extrema e ver o que acontece. Se este homem justo for realmente filho de Deus, então Deus o ajudará. Talvez eu pudesse fazer um aparte e dizer, talvez você ouça uma ressonância da provocação em Matthew.

Se ele confiou em Deus para libertá-lo, deixe Deus livrá-lo se ele se deleitar nele, pois ele diz: Eu sou o filho de Deus, de volta à Sabedoria de Salomão. Deus o resgatará das mãos daqueles que o oprimem se, de fato, ele for filho de Deus.

Então, vamos testá-lo, agredindo-o e torturando-o. Então saberemos o quão bom ele realmente é. Vamos testar sua capacidade de suportar a dor.

Vamos condená-lo a uma morte vergonhosa. Segundo ele, Deus deveria aparecer para protegê-lo. Nesta passagem, Agostinho afirma que encontra, entre aspas, a paixão de Cristo profetizada de forma mais aberta, completa com uma prévia do que seus ímpios assassinos, como diz Agostinho, diriam.

Assim, também, Orígenes e Cirilo de Alexandria e Hilário de Poitiers recorrem à Sabedoria de Salomão, entre os textos típicos do Antigo Testamento, para um anúncio profético da paixão de Cristo. Assim, de muitas maneiras, descobrimos que os livros dos Apócrifos já exerceram algum impacto nas nossas próprias escrituras e na tradição cristã que todos os cristãos olham para trás com aprovação. Protestantes, católicos e ortodoxos podem discordar agora sobre a extensão do cânon.

Mas, no geral, eles não discordam sobre questões de cristologia e teologia trinitária. E quando estas coisas estavam a ser forjadas, os Apócrifos, os textos apócrifos, como Baruque e Sabedoria de Salomão, eram recursos essenciais para elaborar essas doutrinas cristãs fundamentais juntamente com os textos acordados do Antigo Testamento. Por causa disso, por causa do impacto que os apócrifos tiveram nos primeiros séculos da Igreja e do respeito óbvio com que os nossos antepassados cristãos, começando mesmo por alguns dos autores do Novo Testamento, o respeito com que os nossos antepassados cristãos abraçaram estes textos, é sábio que nós, como seus herdeiros cristãos, nos familiarizemos, pelo menos, com esse conjunto de recursos que eles consideravam tão valiosos e que deixaram uma marca tão grande em seus próprios escritos.

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão 8, Impacto dos Apócrifos no Novo Testamento e no Cristianismo Primitivo.